CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
17 de Julho de 2023

HISTÓRIA DA NOITE / 2020

Um filme de Inês Nunes

Realização: Inês Nunes / Argumento: Inês Nunes e Marta Almeida / Som: Francisco Costa e Bernardo Theriaga / Montagem: Diogo Vale / Interpretação: Ana Bustorff, Mariana Monteiro, Bibi Perestrello, Manuel Almeida e Sousa

Produtor: Bruno Corte Real / Cópia digital, preto e branco, falada em português / Duração: 16 minutos / Inédito comercialmente.

ÚLTIMA NOITE / 2015

Um filme de Joana Carneiro Reis

Realização: Joana Carneiro Reis / Argumento: Alexandre Franco / Fotografia: Leonor Coelho / Som: Alexandre Franco, Pedro Henrique e Diana Neto / Interpretação: Rodrigo Tomás, André Marques.

Produtor: Afonso Santos / Cópia digital colorida, falada em português / Duração: 12 minutos / Inédito comercialmente.

VERNIZ / 2018

Um filme de Clara Jost

Realização: Clara Jost / Argumento: Bruno Teixeira / Direção de Produção: Rui Ferreira / Direção de Fotografia: Rosa Vale Cardoso / Montagem: Tiago Campos / Interpretações: António Júlio Duarte, Dennis Correia, Gabriel Margarido Pais, José Lopes, Marianne Harlé, Marília Villaverde Cabral, Roxana Lugojan, Simão Godinho / Direção de Som: Tiago Pereira / Guarda-roupa: Erica Seidi / Montagem e Mistura de Som: Marcelo Tavares /

Cópia: DCP, a cores, falado em português e com legendas em inglês / Duração: 14 minutos / Inédito comercialmente

SALA VAZIA / 2015

Um filme de Afonso Mota

Realização e Argumento: Afonso Mota / Produção: João Eça / Assistência de Realização e Direcção Artística: Joana Reis / Imagem: Afonso Gaudêncio / Assistência de Imagem: Adriana Carvalho / Som: Rafael Cardoso / Montagem: Margarida Meneses / Com: João Polido Gomes, Helena Estrela e Marco Mendonça / Agradecimentos: Flávio Gonçalves, Isabel Eça e Susana Oliveira /

Produção: Escola Superior de Teatro e Cinema / Cópia: Digital, colorida / Duração: 22 minutos / Inédito comercialmente.

MADALENA / 1986

Um filme de Joana Pontes

Realização: Joana Pontes / Argumento: Joana Pontes, baseado num poema de René Char / Fotografia: João Pedrosa / Som: José Manuel Lopes / Montagem: Joana Pontes e José Manuel Lopes / Interpretação: Lucinda Loureiro, Carlos Diogo.

Direcção de Produção: Teresa Garcia / Cópia 16mm, colorida, falada em português / Duração: 10 minutos / Inédito comercialmente.

CADÁVER ESQUISITO / 1997

Um filme de Sandro Aguilar

Realização, Argumento e Montagem: Sandro Aguilar / Fotografia: Regina Morais / Música: Vítor Joaquim / Som: António Figueiredo / Interpretação: Maria Emília Correia, Bruno Bravo, João Reis, Ana Figueiredo, etc.

Cópia: 16mm, colorida, falada em português / Duração: 30 minutos / Inédito comercialmente.

***

Com a presença de Clara Jost, Afonso Mota e Sandro Aguilar

****

"Histórias da noite", designa-se genericamente o programa desta sessão. E de facto, até por se tratar de um conjunto de primeiros filmes (ainda que não seja rigorosamente o caso de todos mas, de qualquer modo, não deixam nunca de ser filmes *iniciais*), exprimem bem a que ponto a noite é um detonador ficcional básico (no melhor sentido do termo) e poderosíssimo.

Mesmo que falemos aqui de noites diferentes, e de maneiras diferentes de a habitar. E também, já agora de noites afastadas no tempo, uma vez que o programa cobre filmes feitos num período de mais de 30 anos, entre **Madalena**, que é de 1986, **Cadáver Esquisito**, que é de 1997, e os outros quatro títulos, mais "contemporâneos", realizados na segunda metade dos anos 2010. Neles, a noite pode ter uma substância metafórica, ser a "noite do tempo", como no filme de Inês Nunes que abre a sessão, filme assombrado por memórias, habitado por personagens-vulto que se inscrevem na arquitectura interior de uma casa que é um pouco o receptáculo, ou o cárcere, dessa noite e dessas memórias. Ou ser a noite solitária, independente de um "tempo real", que

é o da ilusão comunitária oferecida pelas chamadas "redes sociais", como a filma Afonso Mota em **Sala Vazia**. Experiência narrativa singular, sem "corpo", ou sem outros corpos para além do dos écrans de computador, e das "janelas" que se multiplicam, pequenos écrans estilhaçando o "grande écran", "túneis" por onde mergulha obsessivamente uma solidão, uma noite onde é sempre de noite e não há um raio de sol que a venha tocar. **Uma Última Noite** que é mesmo uma última noite nas camaratas do Colégio Militar, outra história de interiores-prisão, e de décor praticamente único como uma mini-peça de teatro, uma realizadora, Joana Carneiro Reis a filmar uma história de rapazes, de despedida entre rapazes. **Verniz**, de Clara Jost, filma uma noite "after hours", a bordo de um autocarro que percorre as horas mortas lisboetas, os passageiros que entram e saem, a maneira como se relacionam ou não se relacionam (entre elas e com o espaço da cidade), num exercício bastante bem conseguido de dilatação temporal, alimentado pelo ritmo quase hipnótico do autocarro e dos ruídos que marcam o seu avanço pelas ruas.

Flash-back até aos anos 1980 para **Madalena** de Joana Pontes, que entre coisas vem confirmar a estação do Parque como a mais fotogénica do Metropolitano de Lisboa (curiosamente é um filme quase contemporâneo do **Duma Vez por Todas** de Joaquim Leitão, que também arrancava algumas belas cenas ao décor dessa estação e, sobretudo, daquelas compridas escadas rolantes). Filme de encontros fortuitos – a "estranha" encarnada por Lucinda Loureiro – e filme que ensaia a questão do ponto de vista narrativo, o lugar do protagonista (a quem pertence a voz off) a fundir-se com o lugar câmara, e portanto, como diriam os franceses, um filme quase todo construído sobre o "regard-caméra", sobre a relação directa que se estabelece entre os olhos da actriz e o "olho" da objectiva. Daqui saltamos cerca de dez anos, para **Cadáver Esquisito**, que em 1997 foi o primeiro filme de Sandro Aguilar a ter uma existência para além dos estritos canais da Escola de Cinema. Sendo o menos nocturno dos filmes desta sessão, manifesta-se nele o mesmo interesse dos outros por um elemento que detone a ficção, que a faça aparecer ainda que em mera hipótese. Um filme de relatos, portanto, quase "cubista", um descendente mais ou menos remoto do **Citizen Kane** a partir da maneira como se parte dos relatos para um retrato, para se descobrir que cada relato compõe um retrato, e que a cada imagem corresponde a sua própria ficção, e que não há portanto nem imagens nem ficções absolutas. Embora explorada de forma bastante diferente nos futuros filmes do realizador, esta ideia nunca deixou de habitar o cinema dele. Mesmo que **Cadáver Esquisito** tenha elementos que a obra seguinte de Sandro Aguilar tornou atípicos (a preponderância do diálogo, porque nenhum outro filme do cineasta se depositou tanto nas palavras, e o contexto realista, ou mesmo naturalista, do quotidiano que ele aqui apresenta), trata-se indesmentivelmente de um ponto 1, do nascimento de qualquer coisa que ainda não deixou de ser trabalhada, modelada, remodelada.

Luís Miguel Oliveira